Revista
Latino-Americana de História
Programa de Pós Graduação em História – UNISINOS
V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

KANHGÁG JYKRE KAR – FILOSOFIA, EDUCAÇÃO KANHGÁG E A ORALIDADE: UMA ABERTURA DE CAMINHOS

KANHGÁG JYKRE KAR - KANHGÁG PHILOSOPHY, EDUCATION AND ORALITY: AN OPENING PATHS

Dorvalino Refej Cardoso
Professor Kanhgág/ Português
Mestre em Educação
pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)
cardosodorvalino@yahoo.com.br

Vēnhrá tag tỹ kanhgá gjykre, karó,vējēnkre karó vējēnkre kar vāmer to rág kãnĩ. Vējykre krikrig tĩ ēg vē. Kanhgág tỹ koroado ag nég ū hyghag fã ēg vē. Ti si kar vējēnkre tag tỹ, tỹ ĩn Kāmĩ jag mỹ gé kenh fã kāmĩ tỹ jag jēgkrenh ke ný tĩ. Vēnh nũnē e, nég ū há ki ra ke, kar nég ū hag tỹ ū nĩ ke ag. Isý ēg tỹ kar nég ū rágrág vē, gĩr karágrág mū. Kar kanhgág mré há ag mỹ. Kanhgág ag rágrág ja ū kegé, ti si ag kar kujá ag jykre rá vē gé. Kanhgág jykre tỹ inh mỹ sér tĩ, ū tý ū nýtĩ tóg e nýtĩ gé, ag mỹ ke vē gé. Vãhã sỹ rág nĩ, hãra pi krýn já nĩnh, vēnh vāmer tag ti. Ũ tỹ vējykre tag vegve jé jag mré karágrág kān jé.

Ũ tỹ ū nýtĩ. ūg karó. kar ūg kĩnhra. tóg to vāmigmég ke n tỹ tĩ.

Resumo: O presente artigo, intitulado kanhgág Jykre Kar Filosofia, educação Kanhgág e a oralidade: uma abertura de caminhos, trata da organização social do povo indígena Kanhgág/RS, sua história, educação, a escola indígena e sua proposta indígena diferenciada, o bilinguismo, a inclusão e a interculturalidade. Tem como objetivo registrar a oralidade para orientar meu povo e os professores indígenas e não indígenas, que possuem interesse e atuam nas escolas indígenas ou em temáticas sobre o mundo indígena. O aporte teórico foi baseado nos escritos de outras pesquisas indígenas que escreveram sobre esta temática. Foram ouvidas as pessoas mais velhas (Ti Si Ag) e os pajés (Kujá), valorizando seus conhecimentos e suas sabedorias. Destaco a importância de um pensar indígena, abrindo a compreensão de um mundo povoado por diferentes culturas e. O mundo Kanhgág visitado, vislumbrado com outros olhares. As trocas vivências. O trabalho propôs uma abertura de caminhos, um diálogo que precisa continuar interculturais precisam acontecer para que novas aprendizagens possam surgir.
Palavras-chave: Interculturalidade. Sabedoria. Conhecimento. Diálogo

This article, entitled kanhgág Jykre Kar Philosophy, kanhgág education and orality: a path opening, deals with the social organization of the Kanhgág/RS indigenous people, its history, education, the indigenous school and its differentiated indigenous proposal, bilingualism, the inclusion and interculturality. Its purpose is to register orality to guide my people and indigenous and non-indigenous teachers, who are interested in and work in indigenous schools or in themes about the indigenous world. The theoretical contribution was based on the writings to other indigenous researches that wrote about this theme. Older people (Ti Si Ag) and shamans (Kujá) were heard, valuing their knowledge and wisdom. I highlight the importance of indigenous thinking, opening up the understanding of a world populated by different cultures e. The Kanhgág world visited, glimpsed with other eyes. The exchanges of experiences. The work proposed an opening of paths, a dialogue that needs to continue intercultural needs to happen so that new learning can emerge.
Keywords: Interculturality. Wisdom. Knowledge. Dialogue.

DOI: https://doi.org/10.4013/rlah.2021.1026.02

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Philo Sophia, em grego, amor a sabedoria.
(Atribui-se a criação da palavra à Pitágoras)

Jykre há sĩgvĩ, esta é forma que encontrei de traduzir a palavra FILOSOFIA para a minha língua kanhgág. Significa o pensamento como algo bom e bonito, capaz de acolher e compartilhar. É todo o mundo kanhgág.

INTRODUÇÃO

A Filosofia e Educação Kanhgág, o conhecimento oral, são estes os saberes que quero registrar.

Quando falo Filosofia quero dizer todo conhecimento Kanhgág que se forma desde kamẽ e kanhru, através de dois símbolos, de duas escritas. A partir daí tudo se define sobre este povo. Nosso povo não é analfabeto, tem uma leitura da oralidade, tem este domínio, pois vivem esta simbologia, mas no mundo não indígena meu povo é analfabeto.

Educação é quando tu segues uma filosofia, um critério de vida. Os nossos sábios, pajés tem o compromisso de nos passar este ensinamento. A educação tem o compromisso de nos tornarmos humanos. Podemos dizer que este princípio forma uma proposta pedagógica para nossas escolas. Filosofia e Educação tem, portanto, uma profunda relação.

Este trabalho teve como objetivo registrar a oralidade a partir da fala dos mais velhos para orientar meu povo e os professores indígenas e não-indígenas, que possuem interesse e atuam nas escolas indígenas ou em temáticas sobre o mundo indígena.

Escrever a oralidade é contar sobre a cultura, mas não só, porque tudo do índio está na oralidade; por exemplo, se comunicar com uma árvore não está escrito, e o indígena consegue entender a comunicação com/da natureza; a crença é algo que tu não consegue nem explicar, quando muito escrever.

Por isso, a escrita sempre será incompleta, porque não conseguimos (e nem queremos) esgotar o sentido da oralidade. Escrever sobre a oralidade é falar de sua importância para o povo Kanhgág. A preocupação que tenho será sempre a de guardar o segredo do meu povo. A oralidade é uma transição para o mundo da escrita (como desenho, símbolo e palavra). É desse modo, que este trabalho também trará muitos desenhos, estes são minha escrita. Como também mitos, histórias, formas de falar que

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

meu povo carrega. Tudo isto está junto, porque no pensamento Kanhgág estas coisas não estão separadas.

Trago a sabedoria presente em minha cultura, Kamẽ com Kanhru. A bolinha é uma esfera e o retângulo, retas, tudo isto é o mundo da escrita Kanhgág; as metades em suas representações simbolizam as partes do dualismo, que também se complementam. A partir dessas metades nasce o alfabeto da própria língua kanhgág.

Conseguimos desembaraçar toda uma filosofia através destas duas simbologias. Falamos do casamento, das viúvas (representação do veneno), do Pënh, os cantos, dos animais, da natureza, de tudo. Cada um destes elementos faz parte desta escrita que traço aqui.

A língua do rio, da árvore, da cosmologia, ninguém consegue escrever. O pensamento Kanhgág é em forma de esfera, como o planeta, porque ele sai do presente, vai para o futuro e volta para o passado. É um pensamento cíclico, em que tudo volta a ser presente, tudo se traz para o presente.

Descrevo então alguns pontos importantes da filosofia Kanhgág. Como este texto foi construído? Tudo isto foi feito através de conversas com os mais velhos. Entrevistas em que a escuta é muito importante. É preciso não interromper quem fala, nem ter pressa; anotar alguns dados, e só depois é que fui organizando o texto no caderno onde escrevo. As dúvidas que surgiram fizeram parte do segundo momento, onde pude retomar a entrevista com os mais velhos trazendo neste momento novas perguntas. Depois da conversa eu relia, organizava as ideias e surgiam novas perguntas que foram retomadas com as pessoas que fizeram a conversa comigo. A universidade chama isto de metodologia, para mim é o caminho que tenho para acessar esta sabedoria, escutar o outro. A pesquisa foi então o registro da narrativa da memória dos mais velhos, acompanhada por minhas anotações. A pesquisa tem o tempo certo de quem vai passar os conhecimentos. O tempo do pesquisador é o tempo do pesquisado. Não se chega e se "abre a conversa", é preciso um tempo para que a conversa aconteça.

Eu cito alguns autores como Maria Aparecida Bergamaschi, Zaqueu Kaingang, Bruno Ferreira Kaingang, entre outros, mas, as principais citações que farei serão as falas dos mais velhos. Por isso, tive dificuldade de fazer citações. Quando falava com uma pessoa mais velha entendia que aquela não era sua fala, mas a fala de um povo. Como, então, identificar a autoria da fala, se por trás de quem fala, de um povo, tem muitas outras

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

pessoas? Estas narrativas também me fazem pensar no conhecimento que tenho, se este se confirma ou não em minhas conversas com sábios. Volto então afirmar que quando trago um conhecimento, uma fala de alguém para dentro do trabalho, não é um conhecimento individual, mas de um povo tirado da própria natureza. Quando escrevo sobre os animais, escrevo o que eles ensinaram. Quando falo dos rios, do pensamento, dos remédios, das plantas – tudo isto está vinculado a uma crença, em tudo que meu povo acredita. Por isso, fica difícil falar inclusive de uma autoria do próprio conhecimento, pois o conhecimento vem da natureza que "anda", isto é, que transmite conhecimento.

Conversei, então, com duas pessoas que foram Lurdes Nïpre (da terra indígena de São Leopoldo) e Luiza (terra indígena de Votouro). Ambas as pessoas permitiram a divulgação de suas compreensões e conhecimento, mas querem o retorno de tudo que será produzido na pesquisa. Elas falam desta forma porque no passado de todos aqueles que foram até elas e fizeram entrevistas, comentam, que nem sequer foram até a aldeia tomar chimarrão. Hoje, eu sou o único que vai fazer isto. Por este histórico, até para mim ficou muito difícil de começar a conversar. Não foi pelo fato de também ser indígena que a conversa foi fácil. Foi preciso recuperar a confiança e só assim, elas se abriram para contar esta sabedoria. Nossos conhecimentos têm um valor enorme, não há nada que pague a transmissão deste saber. Infelizmente, a Universidade é responsável por isto, em tornar o conhecimento uma mercadoria. Lembro-me de antropólogos que passaram tempos em minha casa. Vejo que este tempo é importante para conseguirmos entre os não indígenas defensores de nosso povo. Por isso é preciso diferenciar quem defende nosso povo e quem se aproveita dele. Antes, víamos a exploração do trabalho indígena, hoje vemos a exploração do conhecimento do povo indígena. Por tudo isso, é preciso ter cuidado com este saber.

Que todos que venham a ler este trabalho, leiam com este cuidado.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

1 PARTIR DA VIDA PARA ENTENDER O QUE SE BUSCA

O meu nome é Dorvalino Refej Cardoso, pertenço ao povo kanhgág, guarani e xoklen. Mas hoje eu sigo a cultura kanhgág coroado, sigo a cultura de meu pai, Jango Cardoso que morreu há muito tempo, faz 20 anos. Tenho lembranças que vem com o dia das mães, dia dos pais. Hoje faltam os valores que eles me passaram, como o respeito, a honestidade, trilhar um bom caminho, semear boas sementes. Minha mãe Benta Cardoso, me passava como ia ser a vida de casado, como ia ser outro corpo de mulher, trabalhar para sustentar a mulher e os filhos e o amor na família. Ela morreu antes de meu pai, já faz uns trinta anos.

Vivia em Votouro até a idade de 7 anos, na casa de palha, não usávamos roupas, sempre de pé no chão. Brincava com os brinquedos culturais, feitos a mão. Nesta época trabalhei muito anos na lavoura, tinha o tamanho da máquina saracuá[1] quando comecei a plantar. Roçava, capinava, estava com meus pais e não falava português, somente Kanhgág. Depois começamos a brincar com filhos dos colonos e começamos a falar o português. Tinha uma escola provisória, quando levaram as escolas para as aldeias funcionavam nos galpões, quem dava aula eram as mulheres dos chefes do SPI. Tinha uns 7 anos quando comecei a frequentar o galpão. Mas não frequentava direto, tinha o serviço escravo. Havia os panelões, todos comiam juntos e depois trabalhavam em troca deste alimento. Meus pais escapavam deste trabalho.

Havia muitas famílias indígenas acampadas. Com a reforma agrária meus pais perderam a terra (pois eram naturais de Ventarra), foram para Votouro e lá não eram bem aceitos. Por isso nasci fora da aldeia. Esta história me marca, porque as crianças que podiam trabalhar iam, não eram importantes para os indígenas a escola. Só quem estudava eram os filhos das lideranças. Nesta época já existia os caciques, mas muitos antes, os coronéis, ai meia dúzia de índios faziam barbáries com os homens e com as mulheres. Eram aliadas dos brancos, o índio era o coronel junto com a gente do SPI, comandavam o trabalho e recebia privilégios por isto, o lucro era dividido entre os agentes do SPI, lideranças indígenas e governo. Era o desenvolvimento da agricultura e todas as terras tinham que passar a produzir. Nesta época os brancos arrendavam a terra. Hoje as

[1] Plantadeira manual.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

lideranças brancas falam que os índios arrendam terra, mas quem começou foram os brancos.

Quando era criança vivia mais com os velhos, dava muita atenção para as falas dos mais velhos, para as lideranças. Foi assim que adquiri confiança e com 12, já era também uma liderança. Tinha um cacique que nesta época me apoiava muito (que também era natural de Ventarra) Batista de Paula. Com 14 anos eu estava junto na reunião com Alceu Collares, Deputado Federal em 1978 futuro governador (1991/1995), do partido do Leonel Brizola, para demarcar Ventarra. Os índios diziam que seu partido havia roubado as terras e Collares dizia que iria arrumar o que os outros fizeram. E conseguimos demarcar. Fui um dos pioneiros da demarcação das terras no Rio Grande do Sul.

Em 1982 estava em Viamão, na escola agrícola, fui fazer um curso agrícola, no mesmo ano noivei. Não tinha cultura do casamento nesta época, casei dentro da cultura branca. Havia mais 20 índios juntos fazendo este curso e nesta época ia jogar, tinha sonho de ser jogador. Só não fui porque era tutelado e não podia decidir por mim. Desisti deste sonho.

Com 16 anos comandei 60 homens (1980)[2] para demarcar Irai. Quem filmou foi o Rogério Rosa que estava lá. Rogério fazia sua pesquisa, fizemos muitas pesquisas juntos. Lembro-me uma vez que fomos para Santa Catarina, enchemos o tanque e a gasolina escapou, o carro parou, estava seu Garcia junto. Ali eu descobri muito a força dos índios e enxerguei a prática da cultura. Eu sempre fiz pesquisa, porque queria aprender, depois da demarcação descobri coisas boas de meu povo e me dediquei a pesquisar com os mais velhos. E quando Rogério Rosa começou a pesquisar prestei atenção e aprendi muito. Lembro da pesquisa, do roteiro que ele fazia, daí não sinto tanta dificuldade de fazer pesquisa hoje. Tem coisas que faço que são diferentes, gosto mais da prática. Se começo a dar nome, ver dados, não faço nada. Gosto da oralidade, porque já sei o rumo, o que eu quero pesquisar, mostrar. Não estou pesquisando para mim e sim para outras pessoas, para verem que existe aquilo. Quero fazer um trabalho de pesquisa para meu povo. Se vou fazer coisas de índio, falar coisas de índio para meu povo eles ficam de boca aberta.

[2] Não tenho certeza exata se foi neste ano, mas aproximadamente.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

O que me abriu os olhos e o caminho foi o trabalho de demarcação. Começamos utilizar a inteligência das parteiras, do pajé. Daí comecei a praticar e nesta época já fui contratado para dar aula em 1992 (em Votouro), e este foi um motivo para me empenhar mais. Ao mesmo tempo fui fazendo o magistério bilíngüe, paralelo, em Bom Progresso, perto de Três Passos. Eu já tinha um dom, o interesse eram coisas que já fazia e a partir desta oportunidade pude me qualificar e colocar em prática este conhecimento. Comecei a montar os grupos de dança, fiz uma apresentação no município. Era por região a participação das etnias e ficamos em 2ª colocado na região do Alto Uruguai. Novamente mais um motivo para me dedicar mais.

Desde 1992 nunca parei de dar aula – até me esqueci de me aposentar! Não tinha ainda 17 anos quando fui presidente do Conselho, e logo depois concorri para ser cacique, perdi por um voto. Era criança e já dava conselho para pessoas com 40, 50 anos. Antes de ser professor viajei muito, fui conselheiro do CEPI, delegado, fiscal de conta do município, e prestei serviço para FUNASA para transportar doentes. Recebi convite para concorrer a vice-prefeito em 1999, mas resolvi não aceitar. O mundo da política tem muito gasto, já era professor, minha mulher era agente de saúde. Ser político significa se ausentar do serviço e ter muito gasto. O que concorreu como prefeito ganhou, era muito meu amigo. Em 2002, saí de Votouro por briga de poder. Concorri a cacique e a proposta era de quem perdesse deveria sair. Entrou lideranças novas e não me acertei, pois se afastam muito da cultura e tem as ideias dos brancos, além de não serem honestos com sua comunidade. Vou para a cidade de Nonoai e morei lá 2 anos. Voltei para Candoia, mudei o processo de demarcação que se desvinculou de Votouro e aí pude voltar. Logo havia ameaças das lideranças porque alguns não aceitaram. Fomos acampar em Faxinal Grande, 20 km de Candoia, no mesmo território da escola; ficamos uns 20 dias. Também havia ameaça, fomos para Serrinha. Lá as lideranças queriam que eu os apoiasse, porque havia uma ameaça de tirar o cacique. Como tinha muitos problemas resolvi abandonar tudo, deixar os problemas para trás.

Vim morar em Estrela e ali dar aula, na época da falecida Maria Soares, em 2004. Fiquei um ano, para fechar o ano letivo. Em 2005, viemos para São Leopoldo. Tentei semear tudo que aprendi na cabeça das crianças, muitos estão seguindo, mas muitos não se convenceram. Trabalho muito a importância de ser índio. Fui buscar qualificação, algumas lideranças pediam que ficasse no campo da educação outras que fizesse Direito.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Como atuava como professor, pensei em fazer uma formação adequada para aquilo que estava fazendo. Gosto de dar aula, mas a realidade é outra, as crianças se modificaram, não respeitam mais. Tento falar para alguém me substituir enquanto professor, não há ninguém que queira estudar. Não vi, desde que estou aqui, ninguém continuar os estudos, chegar ao 3º grau. Tem influência muito dos brancos, porém, a maioria vive do artesanato. Muitos ainda não descobriram o valor da cultura, o valor de ser índio e no momento que se descobre isto, acaba se dedicando ao fazer indígena. Um pouco desta prática, a escola trabalha se o professor se dedica aos saberes indígenas. Por enquanto não se tem uma proposta pedagógica da escola indígena, hoje, cada um faz do jeito que quer, não fazemos reuniões pedagógicas.

Fiz Pedagogia, não era o curso que queria, mas acabei gostando (pelo horário que me favoreceu). O curso favorece muito para a qualificação e construção da proposta pedagógica Kanhgág. Contudo o curso não percebe que existe outras línguas, etnias, alguns professores não percebem isto. Gostei de algumas coisas como Psicologia (pelo olhar sobre as crianças), de algumas disciplinas e dos trabalhos que tinham, e que podiam ser feitos da memória dos alunos; nem todas disciplinas valorizavam falar a partir do conhecimento de meu povo. Custei para me adaptar na universidade por este motivo, eu não quero apresentar a ideia de outros, queria apresentar a minha. Tinha a sensação que era um copista da ideia dos outros, montava os trabalhos a partir de outros. Fui encontrando colegas mulheres (foi difícil porque não havia homens). Tive muita vontade de desistir.

No 4º semestre me matriculei em 6 disciplinas e terminei o semestre com uma disciplina já a com a intenção de desistir. Por que não desisti? Não estava bem na questão financeira, com a faculdade me endividei muito, no início não havia bolsa permanência. Neste momento tive vários apoios, como de Maria da Funai, a confiança de alguns professores que me fortaleceu que foram o Jaime, Aline, Cida, Magali; o grupo de trabalho, que era constituído pela Carla, Fernanda e, em especial, Ana que até hoje está comigo, fizemos trabalhos junto. Assim resolvi continuar. Os gastos com estacionamento, xerox, água, frutas, tinha vezes que gastava 70 reais por dia. Quando estava com os colegas eles me pagavam, como também ajudava quem não tinha. No início queria ficar isolado, pois saía de minha comunidade, com um modo de pensar, de falar, uma sabedoria. E quando chegava na universidade tudo isto não era considerado. Não ficava

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

tranquilo com esta condição. Comecei em 2008 e terminei em 2014. Quando terminei estava muito doente. Fui o primeiro indígena a se formar no curso de Pedagogia, 33 alunos se formaram na época e só eu de indígena. Fizemos uma festa na comunidade, com todos parentes de Votouro.

Fiz PEC em 2015 e depois a seleção do Mestrado. Busquei a Pós-Graduação para que tenha valor o que se fala e escreve. O que eu escrevo passa a ter valor para a comunidade não indígena na medida em que se tem um diploma. Estou muito grato com a Universidade por tudo que aprendi, pelas pessoas que conheci, pelos funcionários e professores.

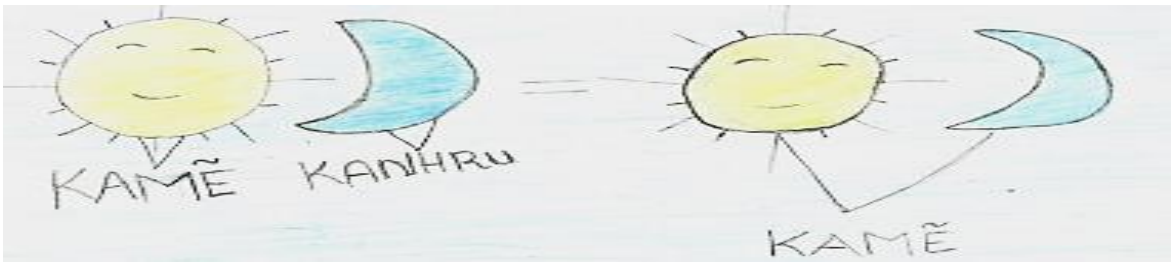
Quero escrever para minha comunidade, preciso ter o registro, para quem tem interesse de se qualificar, já tenha este registro, e para que a filosofia Kanhgág não se perca. O que já estou escrevendo, é tanto para os meus parentes, meus amigos indígenas como para os não indígenas. Com meu povo eu tenho uma obrigação. Eles irão ler meu trabalho, mas o que vão mais usar isto serão os professores. Este conhecimento deve chegar até eles, para que possam trabalhar nas escolas, pois falta material sobre este conhecimento.

Tudo que vou escrever será para uma humanização, para que todas as coisas ruins eu possa indicar proteções, prevenções. A filosofia Kanhgág vem para orientar e abrir caminhos aos professores indígenas.

2 A FILOSOFIA KANHGÁG

2.1 O mito da formação de Kamẽ e Kanhru

2.1.1. A primeira versão



O kujá Vicente Fokanh de Chapecozinho, Santa Catarina, me contou o que aconteceu para que pudessem nascer as metades tribais Kamẽ e Kanhru. Existiam dois

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

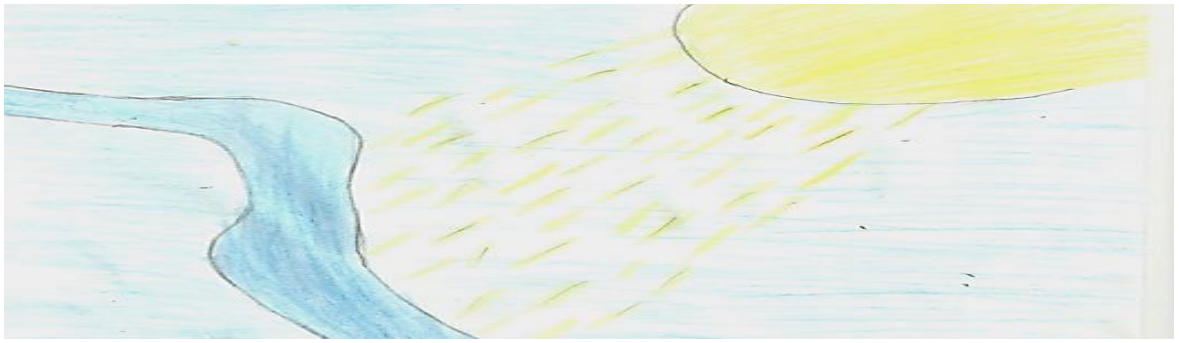
sóis, que eram o sol e a lua. Eram dois astros muito poderosos, que prejudicavam o mundo, ou seja, o planeta, pois os dois juntos, fazia muito calor.

Certa vez os dois se desentenderam e brigaram. Na briga, o sol deu um soco nos olhos da lua. A lua disse ao sol: - Como é que vou trabalhar agora? O sol disse: - Você ilumina o mundo de noite e eu ilumino o dia. Por este motivo, o sol, com sua luz muito quente, seca os rios e as plantas. E a lua derrama lágrimas por estar com o olho machucado, molhando assim as plantas. As gotas de sua lágrima quando caem vão recuperando os rios onde estes secaram. Um vai complementando o outro. Assim todas as coisas no mundo tem seu complemento, seu lado par ou ímpar.

2.1.2. A segunda versão

Luisa, chamada popularmente como Marculina, de Votouro, fala que os santos São João e Maria vivam classificando as coisas pelo mundo. E viveram parte de suas vidas com os povos kanhgág. Viviam visitando também as igrejas. Para os kanhgág os santos disseram que estavam classificando as coisas pelo mundo, por este motivo tinham que fazer duas marcas para os Kanhgág. Foi assim que surgiram as marcas kamẽ e kanhru, que são símbolos de metades tribais.

2.1.3. A terceira versão



V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Houve um tempo em que os rios estavam secando, os animais morrendo, o mato e as pessoas adoecendo. As árvores não davam mais frutas e não existia lugar em toda a terra onde se pudesse ficar. Os dois irmãos sóis, Rã e Kysã, imensos astros que irradiavam calor, presenciavam tudo. Na verdade, eles eram os responsáveis pelo que estava acontecendo. Até que um dia, tiveram uma discussão.

- Essas desgraças, isso tudo é sua culpa! – disse Rã.

- Não, é tudo sua culpa, foi você quem... – dizia Kysã, quando levou uma pancada no seu olho. Ferido, Kysã enfraqueceu e tornou-se lua, originando-se, desse modo, a noite iluminada pela lua. Rã, o mais forte dos irmãos, a partir daquele dia, tornou-se o único a iluminar o dia, dando-nos luminosidade e calor suficientes para a vida. À noite, desde então, temos a lua (kysã), que nos dá a escuridão necessária para o repouso, e, durante o dia, o sol (Rã), que ilumina nossos dias e florestas.

Até hoje, assim que o sol se põe, a lua nasce. Desse modo, os dois nunca se encontram para não brigarem novamente.

2.2. Sistemas das metades: Kamẽ e Kanhru

A sociedade Kanhgág também está dividida em duas metades: uma Kamẽ e a outra Kanhru.

Esse sistema surgiu na criação do mundo. Kamẽ e kanhru no princípio eram espíritos. Eles apareceram para povoar a terra. Primeiro fizeram os animais, as plantas e os astros. Cada qual fez os seus. Kamẽ fez os seres compridos e riscados (Re téj) e os kanhru fez os redondos e malhados (Re ror). Só depois que criaram todos os seres da natureza, resolveram casar os filhos. Então decidiram que Kamẽ não podia casar com Kamẽ, porque era irmão. De modo que Kamẽ só podia se casar com Kanhru, que era a

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

sua outra metade. O mesmo vale para Kanhru. Podia casar os filhos somente com os que tinham marca diferente da sua. Por isso, ficou decidido: quem tem marca diferente é jambré (cunhado) e pode casar entre si. E quem tem marcas iguais é kênkê (irmão). Na natureza também tudo se entende assim.

Por fim, acrescentaram ainda outra regra: que os filhos sempre vão pertencer à metade do pai. Isto vale para todos, tanto para Kamẽ como para Kanhru. Desde pequenos aprendemos dos pais e avós sobre marcas. Primeiro pelas histórias. Depois pelo andar com eles no mato. Eles contam e as crianças observam. Tudo se aprende. Cada qual sabendo sua marca fica mais fácil compreender o mundo. E ninguém se perde mais porque o nosso mundo é assim.

Função do Kamẽ e Kanhru, o sol vem para secar tudo e a lua vem a noite com suas lagrimas e desse modo recupera as plantas que estão secando, ensinamento que os mais velhos nos passam.

A organização social do povo Kanhgág Coroado é feita através das metades tribais, composta por um dualismo, ou seja, duas linhas clâmicas, denominadas Kamẽ e Kanhru. Toda a filosofia ou assunto em relação ao povo sempre está ligado a estas linhagens.

Questões como leis, casamento, morte, culinária, remédios, cantos, danças, disciplina, artesanato partem da linhagem clâmica Kamẽ e Kanhru. Existem leis internas sem direito a defesa, quem comete um ato errado é condenado, por este motivo, dependendo da infração, fica-se alguns dias na cadeia. Na paga da pena, pela infração cometida, são contados somente os dias, não as noites. Antigamente ficava-se amarrado numa madeira ou vara plantada no chão, amarrando bem apertado na canela do infrator. Para orientar ou disciplinar a liderança tem que ser da mesma metade do disciplinado, Kamẽ com Kamẽ e vice-versa.

Os casamentos eram feitos com lideranças pertencentes as duas metades tribais, isso era feito pelo pajé (Kujá) e pelo pënh (líder) que orientava ou disciplinava o noivo ou a noiva. A orientação ocorre desta forma: Líder Kamẽ orienta noivo ou noiva Kamẽ, líder Kanhru orienta noivo ou noiva Kanhru. Na próxima etapa, o pajé (kujá) fazia a pintura da sua futura cunhada (jamré). O kujá Kamẽ fazia a pintura Kanhru. Kujá Kanhru fazia a pintura Kamẽ. Esse simbolismo todo era uma afirmação do casamento. Após todo este ritual, não existe mais separação. Dentro dessa visão, os pais e familiares também

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

estão comprometidos para não ocorrer separação. Mas, se por algum motivo ocorrer a separação, os familiares também são responsabilizados pelo acontecido.

O serviço fúnebre sempre fica a cargo dos pënh.

2.3 Casamento cultural Kanhgág no passado

Para poder realizar essa escrita, tive que recordar fatos passados e consultar os nossos velhos sábios, considerados nossas bibliotecas vivas, revivendo fatos que ainda estão presentes em algumas aldeias na via atual, mas infelizmente não na sua maioria. Este tipo de enlace que acontecia antigamente era de extrema relevância para manter os costumes, tradições e o mais importante, a união entre as pessoas que ocupavam o mesmo espaço.

Destaco que o passado é sempre revisitado, revivido para com ele nos dispormos a uma nova caminhada, pois segundo já mencionado por Ferreira (2014), existem:

> [...] momentos em que os seres humanos perdem a consciência daquilo que os mantém unidos, daquilo que lhes garante confiar em seus valores. Quando isso acontece aos povos indígenas, a construção de novos conhecimentos é buscada no passado, permitindo assim a reconstrução de novos valores que vão dar sentido, novamente a existência do povo. (Ferreira, 2014, p.15).

No passado, para a realização de um casamento, os pais conversavam e tratavam deste assunto, quando as crianças ainda eram pequenas, com idade entre 06 a 09 anos aproximadamente. Quando atingiam a idade entre 14 a 16 anos, o mesmo era oficializado, com a realização da cerimônia. Até chegar o tempo de se casarem, o menino ia viver na casa da noiva, junto aos futuros sogro e sogra, para ser preparado, para desempenhar a sua função de marido com perfeição. Esse fato nos leva afirmar que dentro da cultura indígena "um dos primeiros lugares a aprender é na casa, junto com a mãe e os avós." (Ferreira, 2014, p.69).

A tarefa do futuro sogro junto ao noivo, dentro da visão indígena Kanhgág era: ➔ ensinar a arte da pesca; ➔ ensinar como era ser um bom pescador; ➔ desenvolver habilidades junto à natureza, como a subida em arvores de onde muitas vezes teria que

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

retirar o sustento da futura família; ➔ fazer com que o futuro marido reconhecesse a importância do trabalho, para através dele prover os meios para manter a família. As funções da sogra junto ao noivo eram essas: 28 29 ➔ Fazer com que o futuro marido percebesse as diferenças entre um homem e uma mulher, já que a mesma é mais romântica e precisa receber muito carinho e atenção; ➔ ensinar ao futuro esposo o compromisso de gerar filhos e criar os mesmos dentro dos valores culturais a que pertence.

O genro recebia todas estas instruções, pois, ia continuar criando a filha do futuro sogra e sogra.

A menina também ia viver com os futuros sogro e sogra, para receber os ensinamentos para a sua nova função. Mas, neste caso, somente a sogra dava instruções para a possível nora, sobre as obrigações do lar e o cuidado com o marido e os filhos que viriam dessa união. O objetivo de viver com as famílias opostas era para conquistar as mesmas e seus integrantes: sogros, cunhados, avós...

Sendo assim, dentro dessa visão, a educação não cabe somente a família originária, pois "a educação indígena está pautada na socialização, onde todo o momento é tempo de aprender, respaldado nas atividades desenvolvidas pelas pessoas em seus diversos espaços de convivência." (Ferreira, 2014, p.76). Durante este período, que os futuros noivos ficavam vivendo em famílias opostas e eram preparados para a nova vida que estava se formando. Os pais eram responsáveis pelo menino e a menina que lhe eram confiados, para que os mesmos tivessem um casamento seguro. Quando o tempo do casamento chegava, a nova família se formava e então os dois iam finalmente viver juntos. Não acontecia nenhum tipo de estranhamento entre ambos, pois a família já estava acostumada com a presença dos dois novos integrantes.

Destaco ainda, que dentro desse modo de pensar indígena "[...] é na família que aprendemos a respeitar e conviver com o diferente, pois compreendemos o quanto dependemos do outro e descobrimos o quanto somos incapazes de conhecer se não sabemos entender o silêncio dos mais velhos." (Ferreira, 2014, p.69). Lembrando ainda que segundo este costume, a qualquer problema que viesse acontecer na nova família formada, os pais também deveriam pagar pelos atos acontecidos. No caso de um dos dois noivos quebrarem o juramento entre si, até as famílias seriam cobradas, por terem educado de maneira errônea, criando um indivíduo infiel.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

2.3.1. Diferentes formas de casamento dentro da cultura Kanhgág

a) Casamento encomendado antes do nascimento

Para ocorrer este tipo de casamento dentro da cultura Kanhgág, nasce primeiramente uma criança, logo em seguida deve nascer o segundo, antes de dois anos. O intervalo de tempo entre os nascimentos deve ser no máximo de dois anos. Ao nascer uma criança, os pais ficam atentos esperando o próximo nascimento. Quando nasce o outro bebê, se for de sexo diferente, os pais do primeiro já vão tratar do casamento.

Devem ir à casa do recém-nascido a noite com um tição para cima, esse é o sinal de que estão indo tratar do casamento do recém-nascido, se for de sexo oposto ao primeiro bebê que nasceu. Os pais que estão em casa já sabem pelo sinal do tição o que a outra família está fazendo. O casamento fica marcado após o mais novo dos bebês completar 13 anos. Como os kanhgág vivem um sistema de dualismo tem que ser kamẽ com kanhru. No dia do casamento tem a festa do KIKIKONH, com bastante comida, fazem um fogo grande para colocarem taquara em feixe no fogo e estourar igual foguete. Existe neste dia também aconselhamento das futuras famílias.

b) Casamento onde o noivo pede a mão da noiva

Outro tipo de casamento é quando o rapaz vai pedir a mão da moça em casamento, mas isso só acontece depois dele ter conhecimento da família, amizade com (JAMRÉ) cunhado, (KAKRÊ) sogro, (MÁ) sogra.

Após o casamento tratado o rapaz noivo vai conviver com a família da noiva para ajudar nas atividades da casa. Trabalhando com os cunhados e sogros surge uma amizade tão profunda de coração para coração.

Passam muito tempo juntos (cunhados, sogro e sogra com o futuro marido da filha) fazendo brincadeiras, contando piadas, muitas vezes, dormem juntos na mesma cama. Brincadeiras para a exploração do corpo são permitidas e aceitas com naturalidade tais como: brincar de baixar a calça do outro, passar a mão na bunda, nos órgãos genitais são encaradas com espontaneidade e sem maiores constrangimentos. Somente após o casamento que o noivo vai deitar com a esposa.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

No dia do casamento as lideranças indígenas tem o costume de orientar o futuro casal, como viver como Kamẽ e Kanhru. As lideranças kamẽ orientam o noivo ou noiva que é kamẽ, e as lideranças Kanhru orientam o noivo ou noiva kanhru e assim sucessivamente. Quando nasce o filho a linha clâmica a ser adotada é sempre a do pai.

c) Casamento de moça com homem mais velho

Existe o casamento da moça com um homem mais velho do que ela, mas também de rapaz com a moça mais velha. O objetivo desse casamento é para o homem mais velho cuidar melhor a moça, que na grande maioria das vezes ficou desamparada dos pais. Sendo assim, este tipo de casamento é uma decisão da própria moça ou moço, que decide por alguém mais velho, que vai cuidar, proteger e estabelecer uma relação de afeto, companheirismo independente de gerar filhos ou não. O cuidado e a proteção são as maiores marcas nesse tipo de relacionamento estabelecido.

d) Casamento de índio com não índia

Acontecem também casamentos de índios com não índias e vice-versa. Isso muitas vezes prejudica a etnia. Nos critérios indígenas não pode acontecer este tipo de casamento, mas infelizmente sempre aconteceu.

Alguns problemas que ocorrem devido a este tipo de enlace são: problemas de terras (algumas aldeias não aceitam esta noiva ou noiva “branco” e estes indígenas precisam ir morar fora da comunidade).

Quando este problema ocorre, geralmente o novo casal tem que ir embora da comunidade, morar na cidade e passa então a viver fora dos costumes das etnias. Por este motivo, este tipo de casamento é proibido e não é aconselhado, pois as lideranças prezam pela preservação da vida em comunidade e os costumes que são passados de geração a geração.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

e) Obrigações do novo casal formado

Nas orientações dos noivos, as lideranças indígenas falam que a mulher é para cuidar a casa e dos filhos, compartilhar os alimentos. Quando o marido sai com os cunhados não deve jamais ficar desconfiada, porque os homens vão atrás de negócios para comprar comida ou saem para caçar.

Para os homens é dito que não é para deixar a mulher passar fome, é para cuidar dela e tratar bem a sogra e os cunhados. Se homem viver assim para sempre com sua esposa, será considerado um homem, vai ter vida autônoma e voz ativa dentro do povo Kanhgág, tudo isso faz parte da vivência dentro da comunidade.

Mas hoje mudou muito estas tradições, pois os casamentos acontecem na igreja com o padre, pastor de véu e grinalda, terno e gravata.

2.4 Viúva

Fonte: Monalize Re-Ynh Cardoso

Para escrever sobre esta temática, consultei as memórias de Nípre Lurdes, que fez a narrativa desses costumes que agora são por mim registrados.

Começou a explicar, contando a história de Juvino da Silva, que era casado com Maria Josefa Fagfi. Ela nascida em Serrinha e ele em Alegrete. A mãe de Juvino Martina, era natural de Ventarra, na época chegou um negro na aldeia, funcionário de estado que

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

cuidava das terras indígenas. Ele casou com Martina, que mais tarde veio a ser mãe de Juvino e foi embora 33 34 para Alegrete. Lá em Alegrete, desta união, nasceu Juvino. O negro era o comandante do quartel. O filho já criado, já na idade própria também serviu o quartel. Tornou-se uma grande liderança dos brancos, foi capitão da guerra de 1923, na Guerra dos Farrapos, exerceu cargo de confiança junto ao presidente Getúlio Vargas.

Juvino ficou com o compromisso de cuidar das terras indígenas, chegando então a Votouro para ficar uns dias. Nesse meio tempo acabou gostando de Maria Josefa Fagfi, que havia sido trazida pelo pai de Serrinha, para aquelas terras indígenas. Passou um tempo, mas um tempo bem curto, porque os índios se casam rápido, e as lideranças junto com as famílias se reuniram para oficializar o casamento dos dois: Juvino da Silva e Maria Josefa Fagfi.

Logo após o casamento, estava querendo acontecer uma guerra em São Paulo. Foi chamado então o guerreiro Juvino. Ele quando convocado, prontamente compareceu. Mas era somente uma ameaça de guerra, houve um combate pequeno, mas o mesmo já serviu para quebrar a perna de Juvino, com um tiro de pistola.

Retornou para suas terras, em Votouro, foi aposentado, porém perseguido pelos inimigos. Um dia, ficou muito bêbado e deitou-se na barranca do rio para dormir. Nesse momento, chegaram dois brancos com graxa em líquido, abriram a sua boca e jogaram tudo para dentro.

Dona Nípre Lurde estava presente neste ato de injustiça. Passou um tempo e chegaram os inspetores de Erechim com seus jipes para socorrer Juvino, o grande guerreiro e líder público. Juntaram o corpo do chão colocando no jipe, levando-o para a cidade de Erechim, mas infelizmente já chegou lá sem vida. Fizeram tudo o que tinha que ser feito, trouxeram o corpo para Votouro para ser velado e sepultado.

2.4.1. O ritual da viúva

Nos critérios da cultura Kanhgág, Maria Josefa Fagfi, tinha que estar deitada embaixo do caixão do falecido Juvino, seu esposo, coberta com um pano preto cor de luto. A partir do momento da morte de seu esposo, os olhos da viúva passam a ser veneno, podendo causar a morte de qualquer pessoa. Para cortar esse perigo, durante o serviço

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

fúnebre, todas as vezes que a viúva lançar o olhar para alguém, é jogado cachaça em seus olhos. Esse ritual serve também para os homens que perdem as suas esposas.

Na hora de levar o caixão e o corpo do morto, a mulher do falecido, a viúva, segue em frente ao caixão até o cemitério. Quando chegam lá, o falecido segue, enquanto a viúva vai para a mata, onde ela ficará debaixo de um tronco de árvore por uma lua, que é o período de 30 dias. Para chegar a este lugar, ela é acompanhada por uma cunhada, que tem o dever e o compromisso com ela durante esse ciclo de lua. Para dar banho de purificação, providenciar a alimentação e água. É cultural a viúva passar por todos estes processos.

A viúva fica este tempo afastada para não pôr em perigo as outras pessoas da comunidade. As demais pessoas da comunidade também tomam banho, bebem e queimam ervas para a purificação do ar e do ambiente da aldeia. Isso tudo acontece para que o veneno da viúva, o espírito de morte não prejudique as pessoas da comunidade. A viúva tem que tomar banho de ervas todos os dias, e sua alimentação também deve ser uma vez ao dia, providenciada por sua cunhada responsável. Passando-se uma lua, 30 dias, a viúva é trazida pela cunhada. Ela deve abraçar então uma madeira que ela gostava muito, vindo da mata. A viúva Maria Fagfi abraçou um pinheiro, dizendo para o mesmo: “eu te gosto muito”.

A partir deste momento, as folhas do pinheiro desabrocharam. Passam alguns dias, as folhas começam a amarelar e os galhos dobram-se para cima. O ritual está completo. A madeira fica no solo durante um ano só, depois cai tudo esfarelado. Nenhum homem deve ter relações sexuais com uma viúva antes dela ter passado por todas as exigências descritas, senão com certeza irá acontecer com ele o que aconteceu com a árvore. Quando morre alguém na comunidade indígena, as festividades e programações são canceladas. Haverá luto por um ano, somente após um ano que poderá acontecer as festas. Nípre Lurdes presenciou a morte de Aristides em Iraí, onde ele estava com os ossos tudo em pedacinhos, por problemas de ter tido relações sexuais com uma viúva que não passou por um processo de purificação. Afirma ela, que a mulher do falecido não havia tomado os banhos de ervas, envolveu-se com ela e acabou envenenado.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

2.5 Morte: morrer não é acabar. Nós nascemos e morremos.

Quando morre alguém do povo Kanhgág o corpo do morto é cuidado pelos Pënh. São eles que o levam, colocam roupa e ajeitam para o tempo do velório. Faz também a cova, caixão de madeira e taquara ou de barro. Estarão presentes os rezadores e cantores, bebidas típicas e alimento. Os pënh tem que ser cunhados do morto. Na hora que a viúva está desesperada, a cunhada é que a acalma. O cunhado do morto é que pede a tranquilidade do mesmo, porque são eles que irão cuidar dos filhos que ficarão.

Na comunidade todos são filhos de todos. Falam também para a viúva ficar tranquila, pois ela será ajudada. Os pënh e o pajé falam com o corpo do morto para ir para a sua morada sem pensar nos filhos, nos pais, cunhados e outros parentes, porque a morte chegou. Após o sepultamento, a viúva, os filhos, cunhados e parentes próximos terão que cortar os cabelos, tomar banho de ervas para o espírito do morto não se apropriar do espírito dos vivos e levar junto. Se isto acontecer o Kujá briga muito para resgatar o espírito que está no mundo dos mortos, que fica no poente do sol. Mas mesmo assim, muitas vezes precisa roubar o espírito dos vivos, neste caso a pessoa adoece e o kujá para protegê-lo esconde seu espírito em um lugar sagrado, chamado Fágkavá.

Quando morre o espírito do morto deve cruzar uma pinguela estreita com uma largura de 30 cm e muito comprida. Ela balança muito e o morto tem que se equilibrar. Embaixo dela existe um lugar fundo, escuro, com muitas pessoas com rancor, precisando de socorro, mas não tendo mais volta. O morto, se conseguir cruzar a pinguela - e isso irá acontecer se não tiver muitos pecados - poderá ir ao mundo dos mortos para ainda pagar pelos pecados que cometeu. É nesse momento que ele pode voltar, pois já conhece o caminho e assim poderá se apropriar do espírito de alguém vivo. Mas o morto também poderá ir direto morar na cidade santa junto de deus se não tiver pecado algum.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Morrer não é acabar. Tenho presenciado pastores, padres e o falecido meu pai que falava "morrer é renascer". Tenho uma interpretação particular, que nós somos compostos de três substâncias: terra, água e atmosfera. Quando nós tombamos voltamos novamente para estas substâncias, nascemos outras vidas.

Muitos falam que quando se morre, descansa. Não descansamos, a vida continua! Se plantarmos espinhos vamos colher espinhos; se plantarmos boas sementes vamos colher boas sementes. Muitos falam "eu quero morrer", mas quando está na ânsia da morte, não quer mais, tem medo de cruzar a pinguela do desequilíbrio.

2.6 O ciclo da vida

Dentro da visão indígena Kanhgág, o ciclo da vida começa sempre regido por um sentimento maior que aproxima todos os seres - o amor.

Este sentimento se faz presente desde o momento da concepção das novas espécies a serem formadas, no encontro dos corpos, nas trocas de olhares... O que predomina é o sentimento maior de proteção e cuidado que emana deste sentimento maior que é o amor.

Deste sentimento chamado amor, que se faz presente desde a concepção e deve acompanhar todos até a morte, é regida a nossa vida neste planeta. Alguns sentem este sentimento na concepção e depois com o passar do tempo, devido a rudeza que encontram fora do mundo uterino que os envolveu, acabam perdendo, gradualmente, este sentimento que os envolveu.

Isso faz com que os seres fiquem rudes, áridos, egoístas e esqueçam este sentimento bom que os trouxe a vida. Lembrando que antes de tudo, fomos criados com o que chamamos, de forma mais conceitual, livre arbítrio. Palavra difícil esta, dentro do meu idioma, mas que pode ser simplificado de forma bem simples: a decisão de escolha.

Todos os seres criados têm este poder de decisão, apesar do homem ter consciência das mesmas, enquanto que os outros seres criados não possuem o mesmo, agindo, na grande maioria das vezes, por instinto de proteção e sobrevivência. Este poder de decisão que rege a vida dos seres humanos é o que os levará a decidir entre as escolhas do bem ou do mal. As escolhas que fazemos farão com que este sentimento maior, o amor,

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

continue vivo durante a nossa trajetória aqui ou, irá se desfazendo ao longo do caminho, tornando-nos pessoas com más índoles, de sentimentos negativos, vingativos e maus.

Quando nascemos trazemos também a nossa identidade, que deve ser preservada e cultivada em nós, primeiramente, por nossos pais. É deles, o primeiro dever de nos ensinar os valores que circulam dentro dos espaços onde habitamos. Por este motivo é de extrema importância que os mesmos não cultivem valores que não pertencem a sua etnia, para que a criança que está sendo educada também não perca desta foram a sua identidade cultural. Lembrando que desde o ventre materno a criança escuta tudo que está ao seu redor. A mãe então deve ter um cuidado redobrado ao que fala e escuta, mandando sempre pensamentos bons ao ser que está sendo gerado em seu frente. Deve também ter cuidado redobrado com o que come, bebe. O pai não deve assustar a mãe, deixando-a neste período de fora dos problemas e desafios que enfrenta no seu labor diário. É o momento da concepção, onde a criança está sendo gestada, precisa ter antes de tudo um ambiente calmo, protegido e repleto do sentimento que o fez vir, que é o amor.

A oralidade, que é o marco maior da cultura indígena, já começa a ser despertada com o diálogo que a mãe faz com o bebê em seu ventre. Além disso, são oferecidos a futura mãe, ervas e remédios que serão necessários para que esta criança se desenvolva perfeitamente e facilite o nascimento da mesma.

A mãe canta para o bebê em seu ventre, conta histórias e narrativas de seu povo, imprimindo, desta forma, a identidade a este pequeno ser em formação. Este fato foi estudado e salientado por outros autores, em que as sociedades indígenas "são de tradição oral [...] e imprimem seus conhecimentos, histórias, valores e certezas mais profundos por meio, especialmente, das várias formas de narração do saber do seu povo." (Claudino, 2012, p.107). Para os indígenas Kanhgág a criança é deixada livre, para aprender com os demais que a cercam, aprendendo sempre desde seus limites, na imitação dos mais velhos e na companhia dos pais, tios, avós que se fazem presente sempre nos espaços por onde a criança circula. Conforme comenta Bergamaschi (2012, p.123) é: [..] o longo período de contato que os filhos estabelecem com as mães que constitui a primeira linguagem, a gênese do sentimento humano. São estes experiências as fontes de nutrição (alimento) e proteção (segurança) que desencadeiam sentimentos de ternura, amizade e amor.

A socialização é que vai tirá-la do estágio que para os indígenas é considerado "puro". Até este momento ela não tem preconceito nem de si mesma nem do outro que a

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

observa. A criança em sua natureza é "pura". Fala com sinceridade, não tem espécie alguma de preconceito. Quando começa o contato com o "outro", que não pertence a seu mundo, a seu território é que as diferenças passam a ser percebidas. Se a identidade não foi "firmada" pelos pais, ela vai querer imitar o outro, desmerecendo seus valores e identidades que lhe são peculiares desde o nascimento.

Aqui começam as decisões, o exercício da palavra difícil em meu idioma, como comentava anteriormente, chamada de livre arbítrio, a capacidade que nos é peculiar, de tomarmos as nossas próprias decisões. Ela irá ser o nosso marco e decidir o nosso rumo, o nosso ciclo de vida que iniciou com um sentimento chamado amor, encontrará outros sentimentos que irão moldar o nosso caráter e passarão a reger nossas tomadas de atitudes, fazendo de nós seres bons ou maus.

Ressaltando que para nós indígenas este é somente mais um ciclo, mais uma passagem, onde a cada etapa aprendemos mais, pois estamos sempre em evolução constante e aprendendo cada vez mais. Quando deixamos de aprender, de absorver vamos embora. Morremos.

2.7. O espírito da natureza: Kujá

Aqui falo de um conhecimento milenar, muito antes da colonização. Um conhecimento que vem da natureza. Eu e o meu povo fomos criados junto da natureza, dos animais, árvores, rios, tudo isto faz parte de nossa cosmologia. Todas estas coisas carregam uma sabedoria, pois são vivas, pois tudo que está vivo tem sabedoria.

É essa leitura que eu fazia, quando vivia junto a floresta. Todos estes conhecimentos eu trouxe para a faculdade. Por exemplo, as raízes desses pensamentos como, por exemplo, as raízes das músicas que vem do som da mata. Contudo, quando cheguei na faculdade percebi que os professores não contam sobre as origens de seus pensamentos. Gosto de contar quando e como nasceram as coisas para mim. Isso me fez confrontar com os professores, com quase todos. Mas eu fiz amizade também com muitos professores, que entenderam a minha sabedoria. Muitos professores acabaram trabalhando também o meu pensamento, ou seja, me permitiram contar sobre meus valores, falar sobre os rios, os valores dos animais, a valor da água e os valores da

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

humanidade. Isso enriqueceu muito as aulas, quando os saberes foram compartilhados. Percebo que tenho a aprender e que tenho também muito a ensinar.

Em algumas disciplinas tive a oportunidade de falar sobre os meus valores. Infelizmente, a ciência separa o humano, a humanidade da natureza. E alguns professores continuam separando isso, humanidade da natureza. Compreendo que nós somos natureza. No momento que nós matamos a terra, nós estamos nos matando.

No momento que a gente polui os rios, que o rio tem veneno, nós estamos envenenando nosso corpo. Nós precisamos dessa natureza. No momento que a nós não vivermos mais da luz do sol, nós nos prejudicamos, morremos. Por isso, que depois adoecemos. O contato do humano com a luz do sol nos fortalece, nos dá força. O homem precisa desta energia para sobreviver e o sol nasceu para isso. É a natureza que humaniza o homem. Ela tem força. Por isso que os índios adoravam o sol como Deus. Os brancos tem a luz do sol, mas não adoram o mesmo como Deus.

Muitos adoram o sol como um astro muito poderoso. É que eles querem ter o poder desse sol. Nós indígenas, dentro da nossa sabedoria, entramos em contato com o sol. Antigos pajés, além de entrar em contato com este astro poderoso, ainda conversam com ele. Eles acabam tendo a força dessa cosmologia. O brilho das estrelas, a lua, tudo isso, nós indígenas aprendemos a interpretar.

Eu entendo mais ou menos a linguagem desta natureza, mas os mais velhos que eu convivi, sabiam o que o passarinho está contando. E o passarinho é muito inteligente. Ele sabe as coisas que irão acontecer no futuro, nós não sabemos. A gente se acha inteligente, mas eu acho que perante a natureza nós não somos nada.

A ciência é que está separando esta realidade, porque separa o humano da natureza, pois afinal, nós não somos natureza? Da mesma forma também se pensa a educação. Na epistemologia do Kanhgág, a sociedade é como um todo, em que a educação não se separa, espacial e temporalmente, das demais práticas. A educação não se restringe a Opy (casa de reza) e, nem tampouco, aos conhecimentos escolares.

Duas formas de aprender:

1. Esforço pessoal, desencadeado pela curiosidade, desenvolvida desde pequena.
2. Revelação, para receber a revelação das divindades a pessoa também faz um esforço para viver de acordo com o NHANDE REKO (modos de viver indígenas).

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Quanto mais velha for alguém na aldeia mais sábia é e, consequentemente, mais respeitada por todos.

Os Kanhgág observam a natureza, da qual se sente parte e a tem como fonte inspiradora de vida e educação, mas também observam o comportamento de outras pessoas. Assim, desenvolvem-se a partir dos modelos que observam, imitando e, principalmente, fazendo o que veem e sentem.

A oralidade surge como prática educacional está presente não só na fala, mas na escuta respeitosa e atenta a palavra: escutar e entoar os cantos e se dispor ao ensinamento que é oferecido pela palavra são marcas importantes da educação tradicional Kanhgág.

Aprendizagem com os irmãos maiores também é muito importante. Em geral, quem introduz a criança na concretude da ação é o irmão um pouco maior, que propõe situações em que a criança menor é levada a fazer, observando e imitando o outro. A criança busca o seu próprio conhecimento. A criança é levada a observar, pois terá que fazer por si. É visível o esforço que as crianças fazem para aprender, muito maior que as iniciativas dos adultos para ensinar. O adulto nunca se antecipa numa resposta, mas espera o momento em que o jovem vem procura-lo, espera a pergunta, espera o movimento que vai ao encontro daquele que tem sabedoria para transmiti-lo. O tempo de aprendizagem corresponde ao tempo de vida. Estamos em movimento e aprendendo sempre.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

2.8. Os animais: uma forma de aprender

Os animais além de servirem de caças são muito importantes para os índios. A humanidade, especialmente os índios aprenderam com os animais.

Eles são muito inteligentes, quando vai acontecer algo com uma pessoa, sabem o futuro. Os indígenas prestam atenção na linguagem deles para entender o que eles estão transmitindo.

Os animais têm muitas histórias que os índios sabem e contam nas festas um para o outro e dançam.

O tigre e o macaco têm muitas histórias contadas pelos índios. Os corvos têm a história que foram para o céu tocar um baile e o sapo foi junto dentro do violão, sem os corvos saberem. Quando os colonizadores europeus chegaram aqui, eles não conheciam a enorme variedade de animais e plantas brasileiras. Os índios é que foram apresentando e dando nome aos animais como, por exemplo, a capivara, o tamanduá, a cutia, o pirarucu, o jabuti; e as frutas, como o cacau e o cajá.

As abelhas são animais muito significativos. Elas produzem o mel e o própolis, muito utilizados para combater e tratar de gripes, resfriados e problemas na garganta.

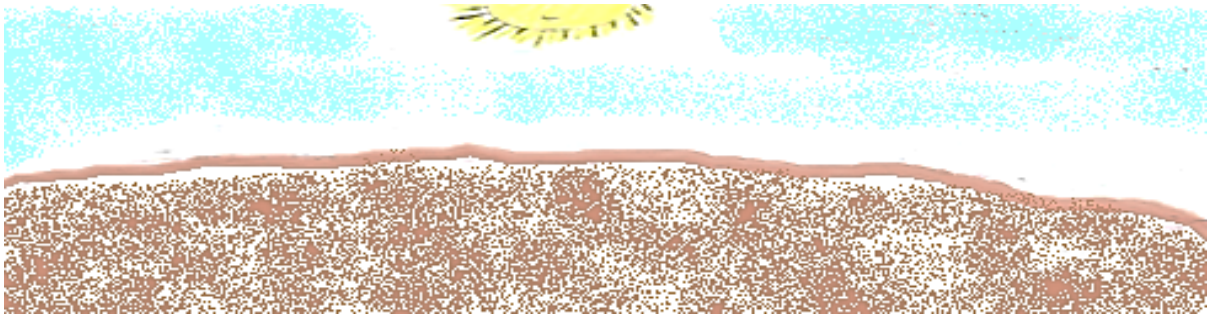
Do ponto de vista cultural os animais têm um grande papel. Simbolizam forças da natureza e características humanas, ocupando um papel fundamental na mitologia das tradições indígenas.

Os animais de estimação são uma fonte de alegria e satisfação. Quantas pessoas hoje em dia têm a amizade de um animal, talvez uma das principais, senão a principal companhia? O relacionamento entre homens e animais está em andamento, resultando

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

mudanças diretas na vida de ambos. A convivência harmônica entre eles é fundamental para o benefício da vida no planeta como um todo.

2.9. A Terra



A terra é uma criação de Deus. Significa “mãe” para os povos indígenas. Tudo que tem vida nasce da terra. Ela nos sustenta para vivermos melhor e ela mesma nos consome.

Há algum tempo atrás, a produção que era plantada dava bons frutos, no tempo presente não é mais assim, cada vez se produz menos. Isso já era a previsão dos anciãos indígenas.

A terra está ficando sem vida, tudo por causa dos venenos aplicados as plantações. O espírito da terra está muito bravo por causa do desrespeito do ser humano. Deus fez a terra com todos os tipos de alimentos, mas o homem destruiu tudo. Os kanhgág no Brasil compartilhavam a terra com os invasores para colonizar. Hoje tudo virou objeto de negócio. As pessoas se apossaram das coisas que pertencem a Deus. O solo está sem estrutura, por isso quando chove desmorona tudo, as pedras rolam, as árvores não ficam em pé. O vento sopra em alta velocidade. Os kanhgág antes de plantarem falam com a terra, para a mesma ajudar a semente a produzir muitos grãos para sustentar a sua família e seu povo. Na colheita eles fazem uma dança de agradecimento pela sua boa colheita. A grande luta dos indígenas é pela recuperação e ampliação de suas terras que foram tomadas pelas políticas de reforma agrária. Queremos a ampliação das nossas terras. Não para dar impacto conforme relatado, mas para recuperar os animais para caça, o mel que é bom para a nossa medicina, recuperar os rios e os peixes. As folhas e raízes que servem

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

de alimento e remédio. As florestas para o bem-estar dos animais, o ar puro para as pessoas.

O objetivo da demarcação é esse, possibilitar que nosso povo tenha garantido pelo poder público nossa terra. O poder público tem que entender, em algumas aldeias está sendo agendado com alguns colonos. Isso já acontecia com o SPI (Serviço de proteção aos índios). Nós indígenas não podemos arrendar, é preciso deixar a floresta tomar conta, a nossa alimentação e o bem-estar está na floresta. Nós plantamos para nossa subsistência e isso é nossa sabedoria. Se fizermos grandes plantações temos que usar veneno. Isso já complica a saúde de quem iria usar estes alimentos da natureza, pois tudo é medicamento. A terra é medicinal. Fazemos parte da mesma, temos que ter contato. Muitas mães não gostam que os filhos coloquem os pés no chão. Isso dá força, é sagrado. Se não faz isso significa que tem medo de ti mesmo.

3 Linguagem e língua

Desde o início da humanidade, os Kanhgág interpretam o mundo de línguas ao seu redor. Pensando nisso, um dia, no centro de sua tribo, um velho índio falou a todos com muita calma. - Nós achamos que somos inteligentes..., mas os animais são mais

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

inteligentes, os pássaros, por exemplo, sabem muitas línguas que o ser humano nem sequer conhece. – disse, enquanto olhava o horizonte. - E qual é o animal mais sábio em línguas? – questionou um dos aprendizes, muito interessado. Após pensar um pouco, o velho índio respondeu. - O que mais sabe línguas é o tigre. – disse – Nós, os Kanhgág, aprendemos a interpretar as línguas com os animais, a palavra Kanhgág, que dá nome ao nosso povo, por exemplo, vem da língua de um pássaro.

Há muito tempo, índios andavam pela floresta, quando, de repente, notaram um pássaro que repetia aos gritos a palavra "kanhgág" em sua direção. A partir de então, os índios que o ouviram cantando, acreditaram que este era seu nome. Por isso, os índios Kanhgág interpretam muitas coisas que os pássaros fazem. Mas não são é só os pássaros que são sábios, cada vida tem seu poder na visão dos índios.

As aves sabem do futuro, elas sabem tudo que vai acontecer; o tigre é o sábio das línguas, apesar de cada ser na terra ter sua própria língua. - E o sol, tem língua? – questionou um menininho que estava sentado bem na frente. - Às vezes, o sol está fraco, triste, cansado, outras vezes, brilhoso, gostoso... sabem o que isso quer dizer? O sol está dizendo que ele está brabo, já que está queimando, mas as pessoas não o interpretam bem. Então o sol fica nublado e a humanidade triste – respondeu o índio. – Sim, o sol tem língua, mas nem sempre é compreendido.

Toda a vida no planeta tem as suas linguagens. Existem algumas substâncias que não tem vida como, por exemplo, a pedra. As pessoas podem interpretar a linguagem daqueles que possuem vida e assim se comunicar com estes seres. As línguas e as diferentes formas de linguagem ajudam a comunicação. Quando nos comunicamos construímos um diálogo e isso é bom para nos aproximarmos uns dos outros, adquirindo confiança e, desse modo, nos apoiarmos mutuamente. É preciso falar em e com respeito, a favor do outro e construirmos amizades. Se não dialogamos não poderemos conhecer os outros. É a falta de diálogo que gera a desconfiança e o preconceito, as brigas, o falar mal do outro e as próprias guerras.

Existem muitas formas de linguagem. O tigre, por exemplo, é o que melhor possui a capacidade de falar, conhece muitas línguas, pois isso o favorece na caça. É desse modo, que ele se aproxima de outros animais. Assim, ele sempre leva vantagem. É preciso entender estas línguas para que possamos nos relacionar com ele. Qualquer um pode aprender estas línguas, da mesma forma que aprendemos outras línguas, como português,

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

espanhol. Os tigres falam a língua dos pássaros, das pessoas, imitam qualquer língua. Os que podem também falar a língua dos humanos são os pássaros como periquitos, araras, as caturritas. Usar a fala para coisas importantes, a fala é sagrada!

Devemos ter cuidado com a fala, com o poder das palavras o quanto pode destruir o outro e a nós mesmos. Os kanhgág vivem e amam a natureza. Conhecem e interpretam uma grande parte das linguagens da natureza e de todo planeta. Aprenderam com os animais, com as florestas e o planeta. Fazemos a leitura da linguagem e nos comunicamos com a terra, o sol, as árvores, lua, estrela, nuvens e - através de seus gestos.

As folhas, quando caem, são os gestos da árvore. Desse modo, sabemos se ela está triste, se chora. Não é só o vento que faz a árvore se agitar, estes movimentos que ela faz são a sua linguagem. Precisamos entender, interpretar e dialogar com esta linguagem. Quando colhemos partes dela para fazer o chá também precisamos falar com ela, para que entenda que doença necessita ser curada. Pede-se licença para o espírito da árvore, da mesma forma para água que comporá o chá, para que com a força deles se possa curar a doença. Por isso, não devemos destruir nada, basta compreendermos suas linguagens e sabermos nos relacionar com elas. Afinal, tudo que Deus criou não é para o mal, mas para o bem.

3.1 O tigre e o macaco

Certo dia, o tigre, sábio das línguas e por isso um dos predadores mais eficazes, saiu para buscar alimentos, já que o inverno estava chegando. O macaco ficou encantado com a mulher do tigre, por isso ficou admirando-a. Quando o tigre partiu, foi conversar com ela:

- O que tu tá fazendo? – perguntou com ar desinteressado.

- Recolhendo folhas, puxando lenha, pois o inverno está chegando... – respondeu a tigresa.

- E o compadre, tá em casa? – questionou o macaco. - Ele não está... foi caçar, mas vamos entrando mesmo assim! – insistiu a mulher do tigre.

Então ficaram os dois conversando até que a noite chegou.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Quando anoitece, a mata fica perigosa e poucos animais são corajosos o suficiente para encará-la. Vendo a escuridão, a tigresa convidou:

- Podes dormir aqui. – disse, ajeitando-se para dormir.

O macaco gostou da ideia e prontamente aceitou o convite. Havia uma grande fogueira no meio da morada, sua chama amarelada refletia uma forte luz que causava sombras nas paredes de madeira de eucalipto seca. Dormiam cada um de um lado da fogueira, no entanto, volta e meia o macaco tremia, batia o fogo e se coçava, para mostrar que sentia frio.

- Tem muita pulga aqui onde eu tô deitado, não consigo dormir. E se eu fosse deitar aí perto de você, daí a gente poderia se esquentar – propôs o macaco. A tigresa aceitou. Quando estavam juntos, o macaco, no escuro, mexia-se muito e tocava-a meio sem querer. E perguntava:

- O que é isso?

- Meu cabelo, meus olhos, meu nariz, meu umbigo... - respondia a mulher do tigre, até que pegaram no sono. De manhã, quase dia, o macaco escutou os passos do tigre voltando e fugiu às pressas. Apesar da mulher do tigre afirmar que ninguém havia estado ali, o tigre conhecia a linguagem das coisas. Fez uma busca nos arredores e encontrou vários macacos dormindo nas árvores. E, sabedor das línguas, percebeu logo que não era nenhum daqueles que havia estado em sua casa. Continuou a busca por muitos quilômetros até que encontrou seu compadre dormindo de barriga para cima em um galho.

- Foi você que esteve na minha casa, não foi?! – perguntou o tigre. Tinha sido ele.

O tigre sabia mesmo das coisas!

3.2 Cantos e danças

Cantar e dançar é bom para alegrar os corações. É bom quando estamos tristes, lembrarmos das coisas que ficam marcadas através de algum canto ou música.

Os indígenas cantavam e dançavam para seus cunhados e cunhadas, seus irmãos da mesma metade tribal, para sua esposa e até mesmo para seus inimigos. Cada dança tem um significado: dança da colheita, plantio, chuva, conquista, guerra, festas, para amigos e inimigos. A história Kanhgág conta que todos os tipos de animais cantavam

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

e dançavam, também faziam desafios de trovas, onde ressaltavam defeitos e qualidades dos seus oponentes. Existe canto e dança Kamẽ e Kanhru.

Conta-se a história de que os animais que sempre viveram em bailes foram o tigre e o macaco. O macaco era o violeiro.

Muitos pássaros cantam de forma alegre e triste, dependendo da ocasião. Quando ouvimos os mesmos cantar, nos lembramos de situações e lugares por onde passamos. O canto do sabiá é um exemplo dessa forma de cantar, ora alegre ora triste. Através dos cantos dos pássaros, os sábios indígenas descobriam o que eles estavam tentando transmitir, se era algo bom ou ruim. Dentro da visão indígena Kanhgág a origem dos cantos e danças vem dos animais.

3.3 Culinária Kanhgág

Os Kanhgág não possuem um horário pré-estabelecido para fazerem as suas refeições, a hora de se alimentar é quando a fome chega.

Quando recebem uma visita em sua casa, fazem uma refeição para compartilhar. Os kanhgág tem por hábito compartilhar.

Como o povo é dividido em duas metades tribais, Kamẽ e Kanhru, o Kamẽ faz comida para a Kanhru e vice-versa. Existem comidas que são típicas de kamẽ, assim como as de Kanhru. Kamẽ só deve comer comida Kanhru e vice-versa.

Alimentos típicos de kanhru: bolo na cinza (emí), maria pimentinha (fuva), guabirova (pênva). Alimentos kamẽ: mandioqueira brava (kumí), milho (gár), pinhão (fág). O kamẽ faz comida Kanhru e o Kanhru faz comida Kamẽ. O alimento é o próprio remédio. É recomendado preparar o alimento com água que tem vida, retirada direto da fonte.

É muito importante repartir o alimento com quem precisa e com quem tem fome, pois o mesmo vem de Deus.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

3.4 Ervas medicinais

Quase todas as plantas na floresta servem para remédio. São boas e importantes para as pessoas, animais e os pássaros. Essas vidas conhecem as ervas. As próprias ervas também são alimentos.

Quando os kujás e os raizeiros coletam as ervas, falam com as mesmas, dizendo que é para curar a doença da pessoa ou até de um animal.

João Nelson, da aldeia de Votouro, fala que o horário bom para coletar as ervas é de manhã, porque as plantas estão com sua seiva favorável para curar doenças.

As ervas para terem o seu valor e força tem que nascer na própria terra. Quando arrancamos uma erva do mato para plantar próximo a casa ou sua horta, a erva perde o seu valor de cura.

Eu penso que a horta medicinal é só para o estudo da ciência, vem do homem branco que pensa a natureza como algo que está exclusivamente a seu serviço

3.5 A festa do Kiki Konh

Para o Kiki Konh, os pënh organizam os demais participantes, o lado Kamẽ e o lado kanhru. Os integrantes não devem estar doentes para beber, cantar e dançar. Outras kujás também e kanhru devem participar. Tem fogo Kamẽ e Kanhru. São três dias de encontro, tem queima de ervas, batismo, espírito.

Acontece então a primeira visita ao cemitério, em um momento que antecede a realização do Kiki, para colocar o tipankri sobre as sepulturas dos recém- falecidos kamẽ e kanhru que futuramente serão “expulsos” para o mundo dos mortos, o numblê, através da realização do kiki.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

O tipankri é colocado nas sepulturas tempo antes dos rezadores e participantes de ambas as metades Kamẽ e kanhru entrarem no cemitério, justamente para a identificação dos espíritos dos recém–mortos que receberão a visita dos participantes do ritual e serão "expulsos". Para os kamẽ, o tipankri é um ramo do pinheiro, para os kanhru, um ramo de sete sangria (samambaia). Para os kanhgág, o tipankri simboliza os pecados do morto. Mas a noção de pecado entre os velhos kanhgág tem significado diferente daquele que os ocidentais tomam para si.

Quando, no kiki os rezadores colocam o tipankri sobre o túmulo, e as pënh retiram-se para fora do cemitério (na direção oeste, quando o morto é da metade kamẽ, e para leste, quando kanhru). Isto simboliza a mudança do espírito da condição "ruim" (porque o espírito do morto está ainda entre os vivos) para a condição "bom", desejável, porque o espírito está agora entre seus parentes falecidos, no numblê. Em outras palavras, no kiki acontece a encenação da passagem dos espíritos do cemitério ("ruim) para o numblê ("bom").

Para preparar o Kiki, cortam um pinheiro para fazer o cocho de bebida. Isso depende do guia, de kujá para kujá, tudo depende do guia, em Xapecozinho, Santa Catarina, por exemplo, cortaram pinheiro. Os kujás podem fazer de outras madeiras. Ao cortar a árvore, o kujá pede licença para o espírito da mesma, respeitando o chefe da mata. Para participar do Kiki, o Kujá ainda precisa sonhar, porque é perigoso beber e cair. Isto significa um mal agouro, alguém da família pode vir a falecer.

O kiki konh é preparado com todo tipo de mel que existe na floresta, vários tipos de frutas silvestres, folhas e raízes e algum tipo de formiga especial, isso para ajudar na fermentação e formação do álcool. Na terra indígena de Xapecózinho deixaram fermentando 8 dias para abrir o cocho e beber. Em alguns lugares tem uma variedade de 15, 20 a 30 dias. No preparo do Kiki, o kujá e os pënh fazem danças e pedem para os espíritos do mau se afastarem. Na praça é construído o Kókey (cocho), ali também é preparada a bebida kiki e são acendidos o fogo de nó de pinho.

Acontece então o primeiro fogo. Neste primeiro fogo são acesas duas fogueiras, uma para cada metade grupo, kamẽ e kanhru, que se reúnem ao redor de suas fogueiras e não usam rá/marcas. As famílias dos mortos oferecem garapa para os rezadores e os participantes. Essa oferta significa o desejo que o kiki se realize. Os rezadores rezam com o xikxy (instrumento utilizado pelos rezadores durante todas as etapas do ritual). Alguns

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

homens tocam cornetas feitas de taquaras, enquanto outros sopram cornos de boi. As mulheres dançam imitando o tamanduá- mirim.

Segundo fogo. Acontece no mesmo lugar da noite anterior. Os fogos de nó de pinho são reavivados das cinzas do primeiro fogo. Os kanhgág novamente são divididos em duas fogueiras. Rezam e dançam ao som do xikxy e das cornetas, bebem garapa trazida pelos familiares do falecido. No segundo fogo, cada metade usa a sua rá/marca. Os kamẽ desenham riscos na face com carvão do pinheiro, os kanhru desenham círculos com o carvão das sete sangrias. As pënh têm pinturas diferentes, como elas circulam livremente pelos fogos kamẽ e kanhru, têm riscos e círculos em seus rostos.

Segundo o kanhgág Pedro Kresó (1987, p.80-81):

> O primeiro fogo kamẽ e kanhru é para derrubar o pinheiro para o cocho da bebida. O pinheiro não pode ser derrubado nem trazido sem rezas [...] depois do primeiro fogo, se realiza o segundo, pois já se derrubou o pinheiro e o cocho está pronto. O terceiro fogo é feito para encerrar a tradicional festa do kiki.

Terceiro fogo. Depois de ter sido fermentada a bebida, por um tempo que muda de ritual para ritual (de 3 dias a dois meses), os kanhgág fazem então o terceiro fogo. Essa etapa acontece na praça, à noite, mas desta vez, eles passam a madrugada e amanhecem rezando e cantando em torno de seus fogos, três para cada metade, posicionados ao lado do kókey/cocho, em linha reta, sentido leste oeste.

Os participantes kamẽ ficam nas três fogueiras do lado oeste, os kanhru nas três do leste. Em volta do fogo são colocadas folhas de sete sangria, pela pënh, para demarcar o espaço das metades.

Com exceção das pënh, os kanhgág de um grupo não devem ir na fogueira do outro. Segundo os rezadores do kiki, na noite do terceiro fogo acontecem tanto as rezas boas, como, depois, as rezas ruins.

Nessa noite, os pais têm medo que seus filhos durmam, pois os espíritos que vêm para o kiki podem raptá-los. No rito, é comum a participação de crianças, que também são pintadas conforme a metade do pai. À medida que a madrugada avança, alguns índios se recolhem para descansar e abrigar-se do frio, porém, os velhos rezadores permanecem nas suas fogueiras, rezando até o nascer do sol.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

A dança final do kiki, a da festa, acontece ao redor dos seis fogos, três para cada metade, ao lado do kókey (cocho). Os kamẽ se dirigem às suas fogueiras que estão postadas a oeste. Em pé, os rezadores tocam os xikxy e batem os "bastões de ritmo" (galhos) no chão, as pënh, dançam como o tamanduá, músicos tocam suas cornetas, fazem primeiro isso se movimentando no seu lugar, depois, caminhando em círculos/ sentido anti-horário pelas fogueiras.

As pessoas da metade kanhru, mais a leste, rezam. Enquanto isso, o organizador do ritual abre o kókey (cocho), se vê de um lado, os kamẽ, e de outro, os kanhru. As pessoas convidadas para assistir o ritual também bebem o kiki, quando Kamẽ e Kanhru se reúnem para dançar. As metades se fundem num grupo só. Eles dançam em volta de seis fogos (e não apenas em torno dos seus três), todos cada vez mais embriagados de tanto beber kiki. 55 56 Os rezadores kamẽ e kanhru agitam-se abraçados um no outro. Brincando, alguns jovens chutam brasa quente nos pés dos outros. O término de bebida é o sinal que o ritual está chegando ao fim. No kókey (cocho) são realizadas as últimas rezas. A união está novamente desfeita. No kókey (cocho), os rezadores kamẽ se dirigem para o oeste, os kanhru para leste.

Acontece então a segunda ida ao cemitério. Os kamẽ caminham sempre em grupo na frente dos kanhru. Nessa ida ao cemitério, os rezadores tocam os xikxy, os corneteiros assopram seus instrumentos, as pënh encenam os passos do tamanduá, as pessoas vão brincando.

Os kamẽ são os primeiros a entrar no cemitério, enquanto eles permanecem lá dentro, os kanhru aguardam na porta, até que saiam, depois, os kamẽ partem de volta a praça, entram então os kanhru, para fazer a sua parte nessa etapa.

Dentro do cemitério, os kamẽ se dirigem para as sepulturas marcadas pelo tipankri do kanhru, a oeste; os kanhru vão as sepulturas marcadas dos kamẽ, a leste. A localização espacial no cemitério é indicada por uma cruz no lado oposto à entrada principal, no centro.

No túmulo da metade oposta, o rezador conversa com o espírito do recém-morto em kaingág. O rezador bate com o xikxy na terra do túmulo (ou tijolo, se for o caso), pergunta ao espírito se ele está dormindo, pede que não o olhe diretamente.

A seguir, o rezador faz a reza empunhando o xikxy sobre o túmulo, depois pede que as pẽnh finquem a cruz na altura da cabeça do morto. Feito isso, o rezador autoriza

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

que as pẽnh retirem a tipankri de cima da sepultura do kanhru e o atirem fora do cemitério, na posição oeste. Do mesmo modo, o rezador kanhru conversa com o morto kamẽ, pede para que as pënh tragam a cruz e que retirem a tipankri e o atirem ao leste.

Nesta ocasião os espíritos dos mortos fazem a liberação de seus nomes, para que possam ser usados pelas crianças da comunidade. A partir desse momento, as crianças podem receber o nome de alguém falecido, sem ter maiores problemas. Os indígenas kanhgág acreditam que se o nome não for liberado para ser usado, o espírito do falecido pode vir roubar a alma da criança.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. De 2021
p. 08 a 45
ISSN 2238-0620

Referencias orais:

A BIBLIOTECA VIVA dos mais velhos. Entrevistas feitas com mais velhos da etnia Kanhgág, 2017.

Lurdes Nïpre (da terra indígena de São Leopoldo) e
Luiza Marculina (terra indígena de Votouro).
Vicente Fokanh (Chapecozinho, Santa Catarina)

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. DALLA ZEN,Maria Isabel Habckost. XAVIER, Maria
Luisa Merino de Freitas (Organizadoras). Povos Indígenas & Educação. 2. ed. Porto Alegre:
Mediação, 2012.

BRASIL. Lei Federal no 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em outubro de 2021

CARDOSO, Dorvalino Refej. Aprendendo com todas as formas de vida do Planeta. Educação oral e educação escolar Kanhgág. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia: Licenciatura, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103318 Acesso em outubro de 2021

CLAUDINO, Zaqueu Key. A formação de pessoa nos pressupostos da tradição da educação indígena Kaingang. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do Rio Grande do Sul, PPGEdu, Porto Alegre, 2013.

FERREIRA, Bruno. Educação Kaingang: processos próprios de educação escolar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2014.

KRESÓ, Pedro. O kiki permanece. In: Vyjkág, Adão Sales et al. Textos Kanhgág. Brasília: APBKG/DKA - Áustria/MEC/PNUD, 1987, P.80-81.

Recebido em: 29/10/2021
Aprovado em: 16/11/2021